



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

O BRINQUEDO DE JESUS

Por DINAH FONTES MACHADO

Desenho de ADOLFO CASTANÉ

Serie A

NOITE de 24 de Dezembro... Tudo coberto de neve; apenas se vê a luz pálida através das janelas das casinhas modestas da aldeia! Pobre Menino Jesus! Que frio Ele vai passar, voando por esses céus, voando sempre, sem nunca parar, pois tem muitos brinquedos a distribuir. Em breve romperá a manhã e a sua missão ainda não está cumprida.

Oh, mas que frio... que frio que faz lá fora e o Menino Jesus sempre a voar, sem nunca chegar ao seu destino! Por fim lá chega à aldeia coberta de neve. Nem sei como Ele vê a chaminé! Entanto, Ele lá tomara conta de como se haviam portado os meninos da Terra naquele ano. E sabe-lhes o nome.

A chaminé em que Ele, agora, parara, com os pezinhos sobre a neve, é a do Eduardo, um menino rico. Tira, então, do saco, muitos brinquedos: — um tambôr, uma flauta, um barquinho, um avião, um gato felpudo, de peluche; enfim, muitas coisas, de que já me não lembro. Tantas, tantas!...

E continuou a voar até que chegou a uma outra chaminé que era a última em que tinha de distribuir brinquedos.

O morador era um outro menino, chamado Rui mas este pobrezinho. O Menino Jesus parou. Porém, quando ia para descer, reparou, que tinha já dado todos os brinquedos; apenas lhe restava um livro. Mais nada! Como havia de ser agora?! Comtudo, resolveu descer. Desceu. Já em baixo, vendo um tinteiro e uma caneta, escreveu um bilhetinho com o seguinte:

«Rui

Como os «bonitos» não chegaram e as estrelinhas estão a desaparecer, não posso oferecer-te mais nada, além do que te deixo. Um beijo do teu



Menino Jesus.

Em seguida, foi acima do telhado e fez um quadrado de neve, onde espalmou a mãozinha, de forma que lá ficasse marcada. Depois soprou-a duma certa maneira, para que nunca mais se derretesse. Colocou-o junto do sapatinho, com o livro e o bilhete, e voou, satisfeito, desaparecendo pelo azul do céu.

E eis como o Deus-Menino fez um lindo brinquedo!

FIM



CORAGEM E DECISÃO

POR ADRIANO VAZ VELHO JUNIOR

DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑE

(Série B)

João era um rapazinho de 14 anos, que vivia com seus pais numa paupérrima cabana de palha, onde, devido à extrema miséria com que lutavam, raras vezes entrava um bocadinho de pão. A mãe era doente, não podendo por isso trabalhar, e o pai tinha cegado num desastre de trabalho. Era João, sempre esfarrapado, quem, em rudes trabalhos, conseguia arranjar algum escasso alimento para aquela desgraçada família.

Uma tarde, já quasi ao sol posto, voltava João da sua labuta, quando, ao atravessar a linha do caminho de ferro, notou que os «rails» estavam levantados. Apesar de criança, aquele facto não lhe passou despercebido, e compreendeu que o rápido, que devia passar por ali, daí a pouco tempo, corria sério perigo.

João não hesitou. Desatou a correr pela linha em direcção à estação do caminho de ferro, a qual distava dali cerca de 5 quilómetros, a-fim-de avisar o pessoal do que vira, para êle fizesse parar o combóio. Porém, João

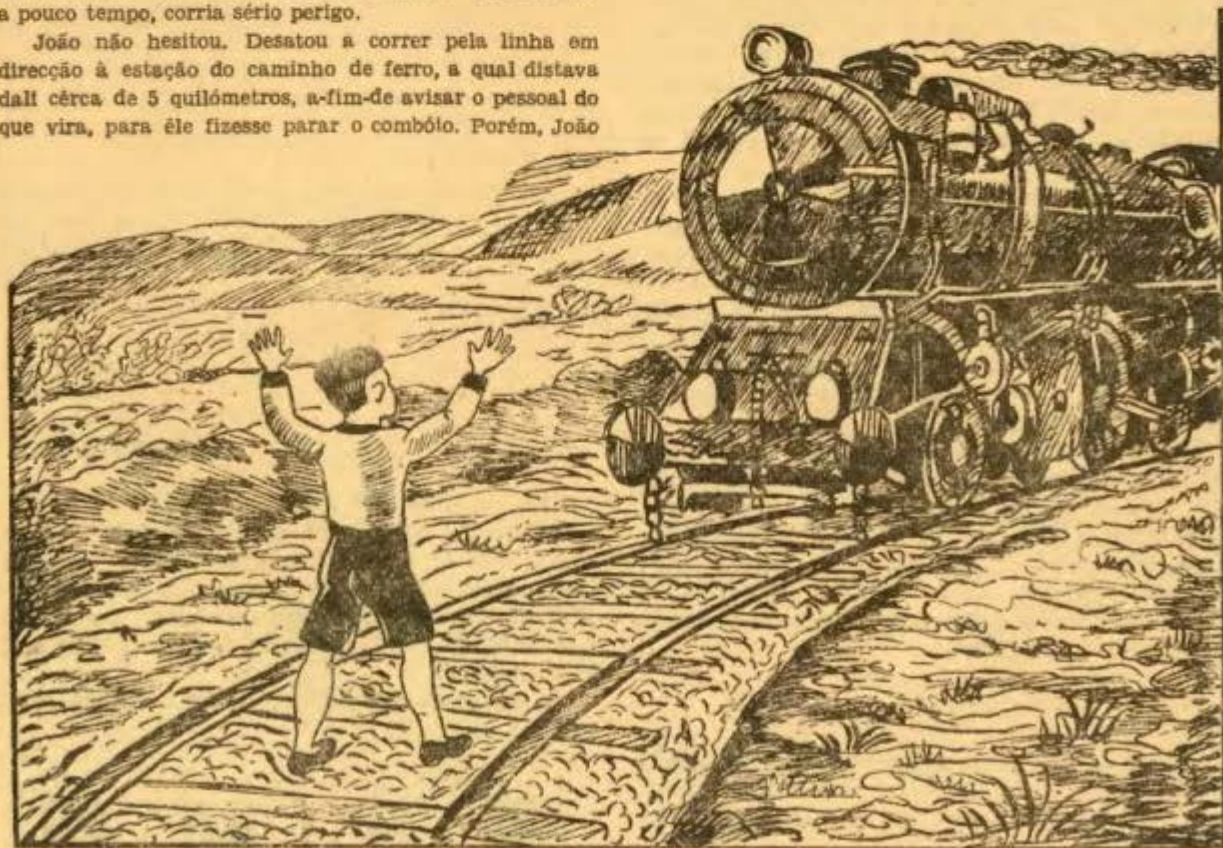
subitamente estacou. Era escusado correr mais, pois aquele apito significava a passagem do combóio pela estação.

A abnegação do pobrezinho não serviria de nada. Dentro em pouco ia dar-se uma grande tragédia.

Já se ouvia o barulho do rodar das carruagens, e, daí a pouco, surgia, lá ao fundo, a máquina caminhando a toda a velocidade.

João à borda da linha, encostado a uma árvore, chorava de raiva por não poder evitar o desastre. O combóio ia-se aproximando...

De repente, João teve uma idéia digna dum herói. Salta para o meio da linha, e, de braços abertos, faz



sinal ao maquinista para que páre. Grita e gesticula mas os do combóio parece nada verem nem ouvirem. A velocidade é sempre a mesma; João desespera-se. Mas, — oh providência bemdita! — o maquinista acaba de o ver, pois o combóio apitava, agora, desesperadamente, para que êle se afastasse.

João, porém, permanece no seu pósto, de braços abertos. O combóio aproxima-se; traz, contudo, a velocidade bastante reduzida, e, quando já está muito perto do pobrezinho, êste dá um salto para o lado, gritando sempre, a-fim-de que o façam parar. De facto, assim foi. O combóio, alguns metros mais adiante, parava por completo. João corre, então, para o maquinista e para os passageiros que, sobressaltados com aquela paragem inesperada, se apeiam das respectivas carruagens. E, rodeado por todos, João, explica o que vira na linha.

Informadas as autoridades do sucedido, desconfiavam haver sido obra de malfetores que quizessem descarrilar o combóio para depois roubarem os passageiros. Pôra, de facto. Após muitos trabalhos conseguem prender os autores do atentado que confessam ter feito aquela tentativa de descarrilamento para roubarem um senhor muito rico que êles sabiam que viajava naquele combóio, com certeza com muito dinheiro, pois voltava duma cidade onde o tinha ido receber.

Esse senhor, não se esqueceu dêsse herói que o salvou. Levou-o para a sua terra onde tem um magnífico palácio, e mandou-o educar. Também não se esqueceu dos pais de



João, que se encontram no mesmo palácio, contentes e felizes, pois tem tudo quanto querem.

E assim foi recompensado o gesto heróico dum grande valente.

■■■■ F I M ■■■■

A inveja castigada

POR MARIA AMÁLIA CORTE REAL GRAÇA MIRA — da Série B — DESENHOS DE A. CASTANÊ

CERTO dia, estando um rouxinol a cantar, alegremente, deliciando os ouvidos de dois pastores que se encontravam à sombra duma árvore, apareceu uma cigarra tôda presunçosa, mordida de inveja, que se dirigiu ao rouxinol desta maneira: — Grande maçador, acaba já com essa tua horrorosa cantilena, pois não posso já suportá-la. Se queres

saber o que é cantar bem, escuta-me com atenção. Embora a tua voz não preste, pode ser que aprendas, ao menos, o estilo.

O rouxinol, sem fazer caso do que ela lhe dizia, continuou com os seus melodiosos gorgeios. A cigarra, então, cheia de raiva e despeito, começou a cantar a sua monótona cantiga para ver se o rouxinol se calava.



Um dos pastores, muito irritado, atirou-lhe uma pedra, e a invejosa caiu morta por terra.

* * *

Meninos que esta história lerdês, aconselho-vos a não serem invejosos porque a inveja é um feio pecado e, além disso, não há inveja que não seja sempre castigada.

Maria Amália Corte Real
Graça Mira

■■■■ F I M ■■■■





O BÈBÉ É ALGUÉM

Por FELIZ COSTA VENTURA

SÉRIE B

O Bébé já é um homem «grandão». Ai, lá isso é que ele é, pois que já deita o pião e sabe já apará-lo na palma da sua mão. Já usa calças compridas, já sabe andar em corridas com os primos: — o Zeca, o Toneca e mais o Quim, pelas largas avenidas do jardim. Não suja as calças de lama, porque a sua ama ralhava; ralhava com o menino e, com certeza, apanhava um muito grande castigo: — era metido na casa do Papão «grandão» e que laz: — do do do do! Nada, não, o menino tem juízo; ai, lá isso é que ele tem! Já sabe, também andar pelo corrimão da escada, sem se sujar mesmo nada; mas não digam a ninguém, porque o paizinho batia no Menino. Ai não digam a ninguém!

■ FIM ■

UM SONHO QUE

Por ANTONIO
Desenhos de

JORGINHO era duma inteligência tão lúcida que a maior parte das disciplinas não precisava de as estudar. Bastava estar atento nas aulas, durante a explicação, para ficar a saber tudo, tim-tim por tim-tim.

Nunca havia pegado na aritmética na álgebra, na geometria, na gramática nem na química, e, no entanto, nessas disciplinas era o melhor aluno da sua classe.

Era, porém, um cábula em demasia, de maneira que, nas disciplinas que precisava estudar como: história, geografia, ciências biológicas, etc., era uma desgraça porque não estudava coisa alguma.

Uma vez que o director do colégio fez ciente o encarregado da sua educação de que Jorginho não estudava uma linha, êle, ao receber a repreensão do sr. João Tomaz,



um honrado homem da sua casa. Aos 13 anos e que agora era um bem sortida e afreguesado de cores do arco-iris e de mais estudar dali por diante.

Mal viu o sr. João Tomaz o livro disposto a estudar, levantou-se logo.

No dia seguinte foi chamado e não soubesse coordenar as datas, nem citar casos, de mais.

O professor ficou mais triste que precisava de estudar e não era o suficiente; que muitas vezes, tantas quantas fossem, bem, sem se enganar na vida, necessário saber tudo com precisão.

Ele via, é certo, os seus rados aos livros, mas êle não podia.

Quando à noite se deitava a pensar. Enfim tinha de estudar para êle era uma verdade.

O DISCIPULO

Por ALEXANDRE LOUREIRO DE SÁ

Certo dia, um professor ensinava aos seus discípulos a caridade e o temor a Deus...

Havia na escola um aluno, que o professor mais estimava.

Os restantes alunos, um certo dia, perguntaram ao professor:

— «Porque prefere o sr. professor, aquele

nosso condiscipulo?

— «Ide matá-lo»

— disse-lhe o professor.

Todos obedeceram e trouxe o passarinho.

— «Porque não perguntaram-lhe logo?»

F

SERVE DE LIÇÃO

S. TORCATO
A. CASTANÉ



Durante a noite, sonhou que estava num outro mundo em que toda a gente nascia ensinada e em que não era preciso trabalhar nem comer. Bastava ter um desejo para, imediatamente, ser satisfeita a vontade de cada um.

A princípio tudo vivia feliz em tal país, mas, depois, como todos eram iguais, ninguém tinha respeito ao próximo, de maneira que a discórdia também lá chegou, por fim.

Um dia reclinou-se todo o povo em adoração, pedindo a Deus que modificasse as coisas para futuro.

Assim foi.

Dai por diante quem quizesse saber tinha de estudar; mas bastava ler um compêndio ou qualquer livro uma só

(Continua na pagina seguinte)



que para a cidade viera
ambor da mercearia mais
idade, fez-se de todas as
mas ainda, e prometeu

Teus costas, foi logo aos
leu uma vez a lição e

chão à fiação e, muito embora
relacionar factos ou
alguma coisa.

com ele, mas disse-lhe
que ler uma vez a lição
nário lê-la três, quatro
para saber tudo muito
guena coisa; que era
pagão.

discipulos todo o dia agar-
estudar assim!

não podia adormecer a
para o futuro, o que
pçada.

PREFERIDO

(Da Série B)

— « Porque não encontrei lugar oculto, para praticar tão feia acção!

resposta, o pro-
um passarinho.

ninguém vos veja».

discipulo preferido,

o seu passarinho?»

Aos olhos de Deus nada se pode ocultar! O discipulo preferido, compreendeu melhor que os seus condiscipulos, a caridade e o temor a Deus.



A LÓGICA DO BÉBÉ

Por MARIA DE JESUS DOS SANTOS

Após tanta traquinice,
Uma e outra cabriola,
Diz o Pai para o menino:
— «A-pesar de pequenino,
Em Outubro vai p'rá escola.

E o Bébé que já deseja
Vir a ser um dia alguém,
Corre, lesto, a perguntar:
— «Em Outubro vou estudar;
Falta muito, ó minha mãe?»

Entregue às lides da casa,
Dona Aurora, já cansada,
Diz ao Bébé tão traquino:
Deixe-me!... Não sei, menino,
Basta de tanta maçada!

Então, Bébé, amuado,
Vai procurar sua tia
De quem é... o al Jesus!
E, num abraço de truz,
Diz-lhe com certa alegria:

— «Em Outubro vou estudar,
O Papá há pouco disse;
Mas, afinal, quando é?!...
Falta muito p'ra Bébé
Deixar esta garotice?...»

— «Meu anjo, o mês do Rosário,
Da Virgem que está no céu?!...
Demora... Os meses não correm!...»

— «Então, se eu já fôr um homem,
Vou antes para o Liceu.»



vez, para ficar a saber, para sempre, tudo o que o seu texto continha, e muito mais ainda.

Desde essa ocasião, todos tinham de comer para não

morrer de fome, mas bastava dar meia dúzia de passos para encontrar logo comida com fartura, e tudo ficou a ser nesta proporção.

Julgam os meninos que daí em diante, pela facilidade que todos tinham de aprender, todos eram sábios? Isso sim! Para saber, bastava, como disse, ler uma vez o que se queria estudar, mas era tal a preguiça daquele povo que poucos a podiam vencer para ler aquilo que desejavam aprender, e muita gente, algumas vezes, nem comia só com preguiça de se levantar, talqualmente como sucede neste mundo em que muita gente passa fome por não querer trabalhar.

Jorginho, quando acordou, começou a pensar no seu sonho e tirou a seguinte conclusão:

Se toda a gente nascesse ensinada, como todos eram iguais, ninguém tinha valor algum, nem havia respeito pelo próximo; mesmo que bastasse ler uma lição para logo se ficar a sabê-la, nem mesmo assim se podia vencer a preguiça, como sucedeu no país onde o meu sonho me transportou. Por isso, quem quiser saber, tem de trabalhar, não há que vêr!

Daí por diante ninguém lhe levava a palma a estudar, e, inteligente como era, recebeu sempre as melhores classificações.

■■■■ F I M ■■■■

A VIOLETA E A ROSA

POR ZE D'ALDEIA

Uma vez, na Primavera,
Num jardim, já todo em flôr,
Havia uma rosa-chá,
Rescendendo fino olôr.

E, rasteirinha no chão,
Entre fôlhas, escondida,
Uma violeta modesta,
Vivia pobre, esquecida.

Quem passava perto dela,
O seu perfume sentia,
E, por mais que procurasse,
A violeta não via.

Uma manhã, diz a rosa
A' violeta escondida:
—No jardim sou a rainha
E por todos sou querida!

Tu não vês o jardineiro
Tratar-me com mil carinhos? ...
Para defender-me basta
Esta couraça de espinhos!

Mas de ti ninguém se importa,
Ó pobre flôr sem valia...
Cobre-te um manto de folhas
Que te furta á luz do dia.

Nisto, surge, no jardim,
Uma dama donairoza,
Que saca duma tesoura
Com que corta a linda rosa.

E a violeta modesta,
Entre as folhas escondida,
Escapou á negra sorte
Que teve a rosa atrevida.

Este conto, na verdade,
Nos fornece um bom conceito:
*A modéstia é uma virtude
Da qual colhemos proveito.*

■■■■ F I M ■■■■

2.º CONCURSO DE POESIAS E CONTOS

ADIVINHA



Alexandre Loureiro
de Sá
Classificado da Serie B

Maria Afonso Oeiras
(Toutinegra)
Premiada da Serie C

Antonio Henriques
Ribeiro da Cunha
Classificado da Serie B

3.º CONCURSO MENSAL DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

AVISO

Satisfazendo o pedido de alguns concorrentes retardatários, prorrogamos, por mais cinco dias, o prazo de encerramento deste 3.º concurso, último desta primeira série.

QUAL A COUSA, QUAL É ELA?

I

No Brazil sou um comboio, Nas florestas me acharão,
Em Portugal simples carro, nos bancos, na vossa mesa,
Nas cozinhas, de alumínio, em vossos lápis, no chão,
Sou um serviço bizarro. e sou terra portuguesa.

II

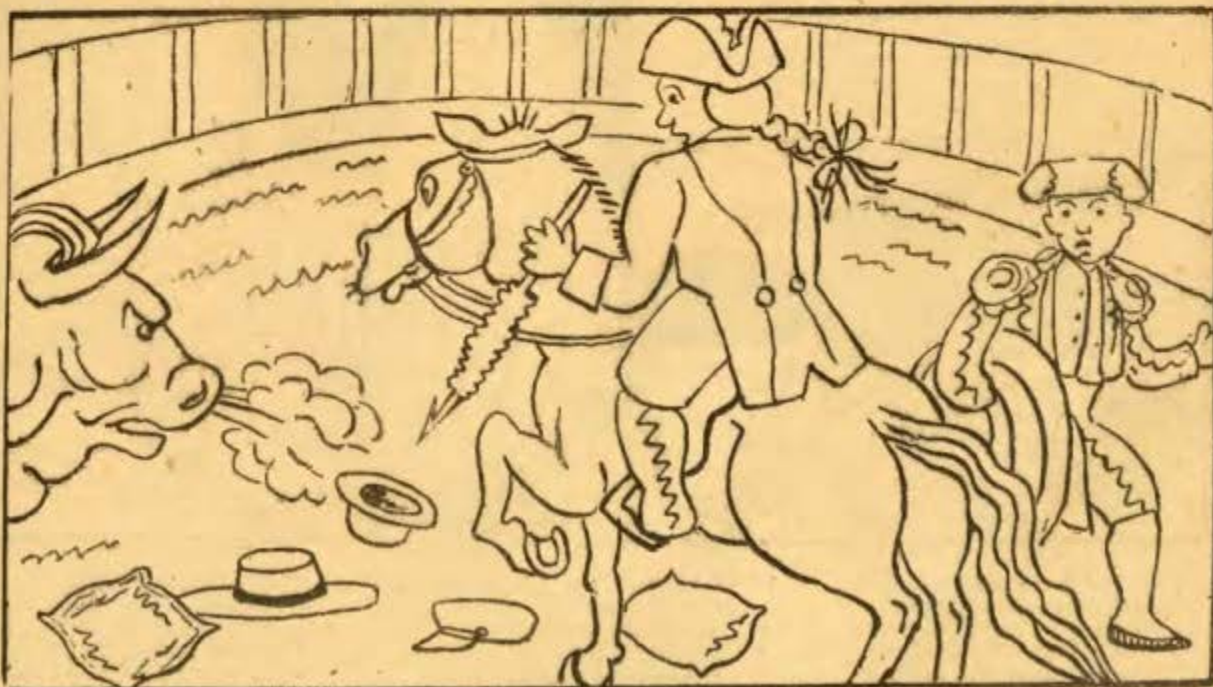
Solução das anteriores

- 1 — Lente
- 2 — Pata
- 3 — Roca
- 4 — Papagaio
- 5 — Meia



Meus meninos: — Vejam se descobrem onde estão o piloto e o observador deste aeroplano.

PARA OS MENINOS COLORIREM



UM GULOSO



I — Mário, filho de «Zé Reis»,
— (por sinal um dos mais novos;
são nada menos de seis;) —
é doidinho por pastéis,
por bombons e doces d'ovos.



II — Quando em casa se abre a sala,
festejando aniversário
ou dia de grande gala,
logo para a copa abala
o nosso guloso Mário.

III — Certo dia, o seu papá
recebeu duma Embaixada,
um convite para um «chá»;
e o «Zé Reis», bem claro está,
levou toda a petizada.



IV — Já lá, o Mário lembrava
o amigo, burro Amadeu,
como o seu pai lhe chamava,
porque ele sempre ficava
reprovado no Liceu.



V — Com pena que ele não fôsse
convidado para a festa,
em certo instante afastou-se;
foi aos bôlos, foi ao doce,
com desenvoltura lesta.

VI — Então, vendo-o, a Embaixatriz,
conforme manda o bom-tom,
sorridente e amável, diz
para o guloso petiz:
— «Toma lá este bombom».

VII — Estou cheio! — volve, então,
o pequeno. — «Guarda-o, põe
num dos bôlos do calção...»
Mas torna, então, nosso «herói»:
— «Também já cheios estão!»